



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://colouquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Tentações', de Pedro Eiras]

Joana Matos Frias

Para citar este documento / To cite this document:

Joana Matos Frias, "[Recensão crítica a 'Tentações', de Pedro Eiras]", *Colóquio/Letras*, n.º 175, Set. 2010, p. 220-221.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

poeta de *Clepsidra*, na medida em que não desejam submeter a sua poesia a uma estrutura fechada ou *autoritária* de compreensão. Valorizam uma análise rente aos textos poéticos, discutem outras abordagens interpretativas e propõem a ultrapassagem da imagem «exótica» do poeta para fixar a atenção nas questões de linguagem lírica suscitadas pela sua produção, objetivo maior que não é, porém, plenamente realizado pelos dois trabalhos, dado o seu carácter introdutório à complexidade compositiva da escrita de Pessanha.

O livro oferece, portanto, dois ensaios afastados no tempo, sim, mas bem próximos e comunicantes no fascínio pela poética de desassossego desse que conseguiu realizar «um puro milagre de murmúrio rigorosamente verbal, cuja alada forma a língua portuguesa nunca tivera e não tornou ainda a ter» (Jorge de Sena²).

Ida Alves

NOTAS

¹ Sobre a problemática que envolve as edições de *Clepsidra*, continua indispensável a leitura da introdução crítica à edição portuguesa de *Clepsidra*, de 1994 (Relógio d'Água Editores), organizada por Paulo Franchetti, professor da Universidade de Campinas – Unicamp (Brasil) e hoje um dos mais importantes estudiosos da obra do poeta português.

² Jorge de Sena, *Estudos de Literatura Portuguesa I*, Lisboa, Edições 70, 1982, p. 165, transcrita na segunda badana do livro.

Pedro Eiras

TENTAÇÕES

ENSAIO SOBRE SADE E RAUL BRANDÃO

Porto, Deriva / 2009

O livro *Tentações*, de Pedro Eiras, resulta da revisão, desenvolvimento e articulação de dois textos divulgados originariamente em separado: «Sade e Raul Brandão», de

2007-2008, e «Raul Brandão e o Marquês de Sade: *ars moriendi* para iconoclastas», de 2007, conforme indica o autor na Nota final do livro (p. 190). Aqui, porém, cada um dos textos originais se converteu, respectivamente, no Prefácio e no Posfácio de um ensaio, *Tentações*, composto apenas por um fragmento de uma frase — «... com a fúria de um evangelista...» —, simbolicamente posicionado na página 111 do livro. O ensaio em si é assim o vínculo, o *articulus* que liga os dois artigos primitivos, num gesto que tem tanto de perigoso quanto de pertinente, uma vez que a verdadeira proposta do autor é a (re)leitura das obras dos dois escritores em análise a partir de uma série de dobradiças de que «com a fúria de um evangelista» parece ser mera metonímia em forma de provocação: «havia a tentação de ler Sade através de Brandão e vice-versa. Ler, especialmente, *Húmus* com *Justine*, e *Diálogo entre Um Padre e Um Moribundo* com *O Avejão*» (p. 7).

Apesar do papel aparentemente insólito que desempenham, o Prefácio e o Posfácio acabam por fazer todo o sentido: no prefácio, espaço do desejo da obra, Pedro Eiras analisa e religa os modos e a expressão do lugar de Eros nas obras de Sade e de Raul Brandão; no posfácio, espaço do velório da obra, Eiras traça, nas suas próprias palavras, o esboço do «último *telos*: a morte» na ficção dos dois escritores. *Eros* e *thanatos*: do lugar do outro ao lugar do morto. Ou ao do moribundo, se nos lembrarmos que, como sugere o ensaísta a propósito das singulares *ars moriendi* de Sade e Raul Brandão, «a proximidade da morte confere autoridade» (p. 119). O que continua a fazer todo o sentido: depois do prefácio, exercício de sedução com o qual se visa a *captatio benevolentiae* do leitor, eis o posfácio, orgulhoso exercício da autoridade do autor. Por outro lado, se na letra o ensaio pro-

priamente dito é apenas uma entrelinha, no espírito ele é, como quis Montaigne, pai dos ensaístas, uma entreglosa. Zona de transição e de transacção. Transição entre o texto e o paratexto, o prefácio e posfácio, entre Sade e Raul Brandão; e transacção entre o leitor e o autor, pois troca-se a *doxa* de um pela *paradoxa* do outro. No centro da perplexidade do ensaio está portanto também o centro da sua complexidade.

A perplexidade que advém da provocação é talvez o grande efeito de *Tentações*: porque há a provocação do leitor cujo horizonte de expectativas entra em crise perante um ensaio que é quase integralmente constituído por um Prefácio e um Posfácio, mas há sobretudo a provocação da *doxa* do leitor anti-husserliano — já renitente perante a ligação de Sade a Brandão — que, quando lê passagens como «Remorsos? Eu não tenho remorsos», as atribui sem hesitação a uma qualquer personagem de Sade, a qualquer uma, e nunca a uma de Raul Brandão, nem a uma: «o leitor recebe primeiro a *doxa*, depois a literatura — se alguma vez chega a receber a literatura», desafia Pedro Eiras (p. 36). Isto porque a provocação é também e ainda a do leitor moralista que nunca leria Sade e que no entanto é obrigado a tomar consciência de que «o leitor puro nada teria a recear de Sade», que só «o leitor já maculado se deixa atingir: arrependendo-se ou reiterando as culpas» (p. 17), e que se «lemos Sade e Sade faz sentido para nós, é porque podemos reconhecer Sade em nós [...]. *Sade, c'est moi...*» (p. 102). Assim, o mítico leitor inocente e amigo da falácia afectiva acaba por aprender que não é só a má literatura que é feita de bons sentimentos, a má leitura também o é, como havia já observado Eduardo Lourenço. Em última instância, portanto, a par do ensaio que defende a moralidade de Sade e a imora-

lidade de Raul Brandão (cf. p. 48), *Tentações* desenvolve um ensaio sobre as virtudes do leitor e os seus vícios de leitura e de interpretação que exige uma atenção muito rigorosa e que conduzirá, em última instância, a um anúncio da morte do leitor e a uma revisão crítica fundamentada das tendenciosas «cristalizações da História da Literatura» (p. 38).

A grande tentação que Pedro Eiras combate neste ensaio consiste, em suma, em ceder às evidências do senso comum responsável, entre outras coisas, pelo juízo precipitado e precipitante de que «Sade é um autor herético e Raul Brandão um autor cristão. Sade é maldito e Raul Brandão ‘apolíneo’...» (p. 37). Partindo da premissa quase evidente de que «o senso da literatura é incomum» (p. 67), Eiras empreende assim uma aventura arriscada, assente num discurso assumidamente paradoxal, no que constitui mais um dos grandes perigos deste ensaio, flagrante em aporias como a que se pode ler a poucas páginas do fim: «a solução de Raul Brandão é o Marquês de Sade» (p. 152). Para lá do desconcerto suscitado por passagens desta natureza, o que está realmente em causa neste discurso escandaloso é uma outra camada da leitura do texto, aquela onde o ensaísta reflecte sobre a natureza e fins do próprio ensaio. O ensaio enquanto lugar condicionado pelos autores e obras sobre que se debruça — «autores extremos devem levar o ensaísta a lugares extremos» (p. 100) —, mas particularmente o ensaio enquanto invenção do ensaísta («O sujeito do ensaio é inventado pelo ensaio», p. 101) e enquanto espaço do ensaísta, esse «lugar onde o ensaísta se perde ou se salva» (p. 100). O ensaio entre a tentativa e a tentação. Com o *dictum* de Wilde bem presente: o melhor remédio para a tentação é ceder-lhe.

Joana Matos Frias